

# Alegrias e tristezas na (des)construção da orientação sexual entre familiares

**Joys and sorrows in the (de)construction of the sexual orientation among family members**

**Alegrías y tristezas en la (des)construcción de orientación sexual entre los miembros de la familia.**

**Jeferson Camargo Taborda**

Psicólogo

Doutor em Psicologia da Saúde pela Universidade Católica Dom Bosco (2017).

Professor titular do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

E-mail: j.taborda@hotmail.com

**Igor Marçal Mena**

Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

E-mail: igormena15@hotmail.com

**Leila Sant'Anna Betoni**

Psicóloga.

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: leilabetoni@hotmail.com

**Sabrina Alecrim Borsatti.**

Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

E-mail: sabrinaborsatti123@gmail.com



## Alegrias e tristezas na (des)construção da orientação sexual entre familiares

Joys and sorrows in the (de)construction of the sexual orientation among family members

Alegrías y tristezas en la (des)construcción de orientación sexual entre los miembros de la familia.

**Jeferson Taborda , Igor Mena, Leila Betoni, Sabrina Borsatti**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

### Resumo

Esta pesquisa-intervenção cartografa como a revelação da homoafetividade pode gerar alegrias e tristezas no âmbito familiar e social. O método adotado foram as oficinas de intervenção psicosocial (OIP). O processo foi realizado em seis encontros com um grupo de pais e familiares de pessoas homoafetivas, contando com a participação de treze pessoas. Neste trabalho será possível acompanhar o processo das realizações das oficinas, bem como as problematizações fundamentadas de acordo com alguns autores tais como: Deleuze e Guattari; Spinoza; Foucault e Costa entre outros. Os resultados alcançados indicam que noções cristalizadas como o "papel de mulher", "papel de homem" e também a culpabilização dos pais em relação a educação sexual dos filhos, produzem sofrimentos diversos, mas podem ter seus efeitos minimizados durante o processo grupal. Evidencia-se, portanto, a necessidade de a psicologia criar mais espaços para o acolhimento, discussão e fortalecimento dos familiares de pessoas homoafetivas.

*Palavras-chave:* pais de homossexuais; homoafetividade; cartografia; oficinas de intervenção psicosocial.

### Abstract

This intervention-research maps how the coming out (reveal of homoaffection) can create joys and sorrows in the familiar and social ambit. The assignment was based in Workshops of Psychosocial Interventions. The process had conducted in six meetings with homosexual's parents and relatives, counting with the participation of 13 people. At the bulk of the work it's possible to monitor the process and the conduction of the Workshops, as well as the problematization substantiated by authors like: Deleuze and Guattari, Spinoza, Foucault e Costa, inter alia. The achieved results indicate that conceptions crystallized, like the "female role" and "male role" and also the blaming of the parents in respect of parenting, produce several sufferings, but could be minimized by the group process. It became evident; therefore, in this research that there is a necessity of the psychology to create places for acceptance, discussion and strengthening for homosexual's parents.

*Keywords* parents of same-sex; homosexuality; cartography; psychosocial intervention

### Resumen

Esta investigación mapea cómo la revelación de la homosexualidad puede generar alegrías y tristezas en el contexto familiar y social. El método adoptado fueron los talleres de intervención psicosocial (OIP). El proceso se realizó en seis reuniones con un grupo de padres y familiares de personas homosexuales, con la participación de trece personas. En este trabajo será posible seguir el proceso de los logros de los talleres, así como las problematizaciones basadas en algunos autores como: Deleuze y Guattari; Espinoza; Foucault y Costa entre otros. Los resultados obtenidos indican que las nociones cristalizadas como el "papel de la mujer", el "papel del hombre" y también la culpa de los padres en relación con la educación sexual de sus hijos producen diferentes sufrimientos, pero pueden minimizar sus efectos durante el proceso grupal. Por lo tanto, es evidente la necesidad de que la psicología cree más espacios para la bienvenida, la discusión y el fortalecimiento de los familiares de los homosexuales.

*Palabras clave:* padres de niños homosexuales; homoafectividad; cartografía; talleres de intervención psicosocial.

Este trabalho tem como proposta discutir como a revelação da homoafetividade<sup>1</sup> pode gerar alegrias e sofrimentos no âmbito familiar e social. Situada no campo da psicologia social, ancora-se na perspectiva da cartografia, entendida como “o acompanhamento de percursos, implicações em processos de produção, conexão de redes ou rizomas”(Passos, Kastrup & Escóssia, 2009, p. 10). O conceito de rizoma, utilizado por Deleuze e Guattari (1995), demonstra que o processo da produção de subjetividade consiste na multiplicidade das relações, estando estas caracterizadas pela conectividade e heterogeneidade.

A cartografia parte do pressuposto de que o pesquisador está sempre implicado no processo de sua pesquisa, por isso a preferência pelo termo pesquisa-intervenção. De acordo com Lourau (2004, p 190), [...] a “implicação é um nó de relações”. Com essa noção de nó, o autor evidencia que todos nós estamos implicados nos processos em devir. Estar implicado na pesquisa-intervenção, segundo o autor, é exercer a indissociabilidade entre o sujeito pesquisador e o sujeito da pesquisa, pois sempre há uma interferência na análise dos dados quando se pretende isolar um desses elementos na pesquisa (Lourau, 2004).

É preciso esclarecer que este trabalho deriva de diversas implicações pessoais de um dos autores deste texto. Muito antes de iniciar o curso de psicologia, existiam inquietações sobre os motivos de essa parcela da sociedade (pessoas homoafetivas) sofrer preconceitos, estereótipos e marginalizações. Dentre as questões subjetivas da graduanda, estavam as experiências vividas nas relações familiares quando da descoberta da orientação homoafetiva de seu filho, fato que trouxe alegrias e tristezas, havendo necessidade de busca de conhecimento em relação ao assunto.

Mediante uma atenção à espreita, uma proposta que emergiu foi problematizar a relação entre a homoafetividade e a questão familiar. Segundo Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 48), a atenção à espreita é uma ferramenta fundamental na cartografia; sua função “[...] é desativar ou inibir a atenção seletiva que habitualmente domina nosso funcionamento cognitivo”. Uma das linhas que emergiram dizia respeito às dificuldades de enfrentamento na aceitação da homoafetividade dos filhos por parte dos pais.

Durante as leituras, foi encontrado algo que chamou bastante atenção e ia ao encontro do desejo desta pesquisa-intervenção. Encontramos um trabalho realizado em 2006 na Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto, nomeado como “Grupo de pais de jovens homossexuais”, que se propunha a acolher pais de pessoas homoafetivas e fomentar discussões com eles.

De acordo com essa linha que emergiu e pelos poucos trabalhos realizados com famílias de pessoas homoafetivas, optamos pela formação de um grupo de pais de e familiares para a realização desta

pesquisa-intervenção. Os objetivos eram minimizar os efeitos da culpabilização que familiares sofrem pelo processo de descoberta da homoafetividade, promover uma interação saudável e diminuir relações opressoras e de sofrimentos.

### Reversão Metodológica

Nos trabalhos com a cartografia, há necessidade de problematizar o que se entende por método. De acordo com Passos, Kastrup e Escóssia (2009), a etimologia da palavra traz a ideia de um caminho predeterminado (hódos), orientado pelas metas para ser aplicado. A cartografia propõe uma reversão metodológica: de “metá-hódos em hódos-meta”, ou seja, a construção contínua na caminhada da pesquisa como uma experimentação assumida, e não apenas como uma aplicação de algo predeterminado (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009, p. 11). E, nessa construção contínua da caminhada, poderá haver o acompanhamento do processo de produção, o devir, pois novas conexões das linhas serão possibilitadas, uma vez que a formação da subjetividade se faz pelas inúmeras relações pelas quais o ser se conecta no percurso de suas experimentações no real (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009). É por isso que neste texto não existe uma separação entre coleta e análise dos dados: após a descrição de cada encontro já estaremos fazendo uma análise teórica da experiência vivida.

Durante os trabalhos, optou-se pela estratégia das Oficinas de Intervenção Psicossocial (Afonso, 2006). Foram realizados seis encontros, com uma duração média de 90 minutos, na Clínica Escola de Psicologia de uma universidade pública situada no interior de Mato Grosso do Sul/Brasil.

A opção do grupo foi pela modalidade “aberta”, ou seja, admitindo saída e entrada de novos participantes ao longo do processo (Afonso, 2006). Essa modalidade tem como intuito tanto agregar novos participantes quanto permitir que novas conexões sejam feitas durante os encontros.

### Caminhos para a (des)construção de gênero entre familiares

No primeiro encontro, contamos com a participação de sete pessoas, todas mulheres; seis eram mães e uma era irmã de uma pessoa homoafetiva. Essa presença maciça de mulheres não foi estranha, mas nos chamou a atenção, já que o convite foi extensivo a pais e familiares.

A participação apenas de mulheres no encontro pode ser explicada pelos estudos de Costa (1979) sobre a transformação da família colonial para a atual família burguesa. O autor demonstra como, pouco a pouco, a mãe higiênica e amante dos filhos se tornou uma poderosa aliada dos médicos, já que o higienismo materno nasceu de um duplo movimento histórico: a emancipação do poder patriarcal e a colonização da mulher pelo poder médico (Costa, 1979). De acordo com Donzelot, após a Revolução Francesa, com o abrandamento da Igreja, permitiu-se a entrada do médico no núcleo familiar. Este elevou a figura da mãe como enfermeira do lar, dando-lhe a

<sup>1</sup> Preferimos utilizar o termo pessoa homoafetiva ao invés de homossexual, pois entendemos que a homoafetividade vai além da dimensão sexual e contempla também os afetos e desejos. O termo homossexual aparecerá apenas quando foi citado por alguém. Ademais, consideramos o termo pessoa homoafetiva mais abrangente, ou seja, evita a desconsideração/negligência da lesbianidade enquanto uma orientação sexual.

responsabilidade pelo cumprimento da normalização familiar (Donzelot, 1986).

Para a apresentação das participantes, foi utilizada a dinâmica da “Teia do envolvimento”, que consiste em cada participante apresentar -se enrolando em seu dedo parte do barbante utilizado e lançando o rolo para outro participante (Andrade, 1999). Ao final das apresentações, ocorreu a formação de uma espécie de rede ou teia, demonstrando que o grupo todo estava envolvido.

A formação desta teia no final das apresentações veio ao encontro da proposta da cartografia. Segundo Passos, Kastrup e Escóssia, cartografar é acompanhar a produção de processos em movimento, é seguir as linhas que vão emergindo durante a pesquisa (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009).

Durante a realização dessa dinâmica, as participantes foram relatando as histórias de suas famílias, bem como a dificuldade no enfrentamento da revelação da homoafetividade de seus filhos. Os depoimentos foram envoltos em afetos de angústia, tristeza, choro e desarmonia em famílias, além da culpabilização, na tentativa de identificar onde erraram na educação dos filhos para que estes viessem a tornar-se homoafetivos. Para o grupo, conviver com a homoafetividade dos filhos foi “desconstruir conceitos e sonhos” (sic).

No segundo encontro, pudemos contar com cinco participantes, dois novos e três que haviam participado do primeiro; compareceram quatro mulheres e um homem. Apesar da maioria feminina, a presença desse pai chamou a atenção. Imaginamos o quanto deve ter sido difícil para ele participar do grupo.

Conforme Costa (1979), as funções sociais do homem colonial foram pouco a pouco destituídas pela medicina higienista. Em contrapartida, foi-lhes oferecida a condição de “macho”, mais sensual, inteligente e racional. Com esses atributos, a honra masculina passou a resumir-se na posse da mulher, na respeitabilidade sexual e fiscal dos filhos (Costa, 1979). O papel social do homem passou a ser casar, ter filhos, trabalhar para ser o provedor da família, ser honesto, dar bons exemplos, investir na educação e saúde dos filhos (Costa, 1979).

Nesse encontro, trabalhamos o tema “liberdade”, seguindo uma linha emergida no primeiro encontro: “conviver com a homossexualidade dos filhos é desconstruir conceitos e sonhos” (sic). Para tanto, utilizamos a dinâmica do “Jogo de balões”, que tem como objetivo aprender a respeitar a liberdade e expectativas dos outros (Afonso, 2006). Com a realização dessa dinâmica, o grupo pôde refletir que, para preservar os seus sonhos e liberdade, não seria necessária a destruição dos sonhos e liberdade do outro.

Em um segundo momento, os participantes foram levados a refletir, por meio da sua própria história, se as brincadeiras, hábitos e costumes, bem como sua criação e educação, haviam influenciado na sua orientação sexual. Tais problematizações surgiram também no primeiro encontro. A reflexão levou-os a dizer que não. Tal proposta teve como objetivo diminuir a culpabilização pela homoafetividade dos filhos.

Segundo Costa (1979), a medicina higienista procurou adestrar os sujeitos no espaço da ordem, buscando a normalização do social: com a chegada da Corte no Brasil em 1808, as famílias burguesas sentiram-se pressionadas pelos costumes europeus e enviavam seus filhos para os internatos, a fim de melhorar os níveis de instrução, preparando as crianças física, moral e intelectualmente. Os preparos físicos estavam separados por sexo e idade, definindo-se, assim, o que era melhor para meninas e o que era melhor para meninos. O autor cita como exemplo o canto, a declamação e o piano para meninas e salto, carreira, natação, equitação e esgrima para os meninos. Na fase adulta, a constituição e a preservação da família funcionavam como modelos de conduta social (Costa, 1979). Assim foram se constituindo os papéis e normas do que é masculino e feminino, conforme designados pela sociedade.

Diante das reflexões, passamos para um terceiro momento, apresentando um fragmento da tese “Homossexuais São.”, de Silva (2012). O autor faz uma revisão literária apresentando alguns livros (de 1920 até 1970) que demonstravam o quanto a educação sexual foi colocada sob a responsabilidade dos pais e dos educadores. Vários livros didáticos foram construindo a ideia de que a homoafetividade poderia ser resultado de uma educação errada oferecida pelos pais (Silva, 2012).

O intuito da apresentação desse trabalho aos pais foi no sentido de, junto com o grupo, podermos refletir sobre ideias que ao longo dos anos foram se arraigando em nós, como a de que a responsabilidade da educação sexual seria dos pais, em consonância com a questão surgida no primeiro encontro: “onde foi que eu errei na educação do meu filho” (sic).

No terceiro encontro, contamos com a participação de sete pessoas, cinco do sexo feminino e duas do sexo masculino, sendo um participante novo e seis que já haviam participado de encontros anteriores. A dinâmica utilizada foi “Abrigo subterrâneo” (Andrade, 1999), tendo como objetivo destacar os valores e conceitos morais vigentes. A técnica consiste na escolha de pessoas na tentativa de salvá-las de um bombardeio que ocorreria em uma cidade (Andrade, 1999).

Para que se entenda o processo, será preciso apresentar os candidatos ao abrigo: a) um violinista com 40 anos de idade viciado em drogas; b) um advogado com 25 anos de idade; c) A mulher do advogado, com 24 anos de idade, que acaba de sair do manicômio (ambos preferem ficar juntos, no abrigo ou fora dele); d) um sacerdote com 75 de anos idade; e) uma prostituta com 34 anos de idade; f) uma enfermeira com 23 anos de idade que não pode ter filhos; g) um físico com 28 anos de idade que só aceita entrar no abrigo se puder levar consigo sua arma; h) um declamador fanático com 21 anos de idade; i) uma criança de seis anos de idade com Síndrome de Down; j) um homossexual de 23 anos de idade, estudante de medicina; k) uma deficiente intelectual com 32 anos de idade que sofre de ataques epilépticos (Andrade, 1999).

Eles foram levados a refletir sobre os julgamentos dos diferentes papéis sociais, bem como da questão da homoafetividade; por essa

única característica pré-julgamos os valores da pessoa. Com a realização dessa dinâmica, o grupo pôde perceber como é possível o processo de mudança de alguns conceitos.

Segundo o Grupo Gay da Bahia (Michels, Mott & Paulinho, 2018), 420 pessoas foram assassinadas no Brasil em 2018 em razão da homofobia. Consta também que o Mato Grosso do Sul figura entre os estados brasileiros que mais mata pessoas homoafetivas. Conforme o Relatório de Violência Homofóbica no Brasil, a maioria desses atos de violência é realizada na própria família (Brasil, 2013). Para Costa (1979), parte da dificuldade de aceitação da homoafetividade deriva da produção da família nuclear burguesa realizada pelos higienistas. Segundo o autor, “o amor servia aqui de traço de separação entre o homem e a mulher. Funcionava como referência para a construção dos modelos de conduta social masculina e feminina” (Costa, 1979, p. 234). As pessoas homoafetivas eram considerados pelos médicos higienistas como seres irresponsáveis e abomináveis, pertencentes ao submundo da saúde. Os atuais e crescentes casos de violência produzidos contra pessoas homoafetivas derivam dessas concepções.

O quarto encontro contou com a participação de oito pessoas, sendo uma participante nova e sete que já haviam participado dos encontros anteriores. Sete pessoas eram mulheres e uma era homem.

O tema enfatizado nessa discussão foi “família”, tendo sido utilizada a técnica da “Estrela de cinco pontas” (Afonso, 2006). Foi entregue aos participantes um desenho contendo a estrela de cinco pontas. No centro, aparecia o tema “Família”, e, em suas pontas, as reflexões: 1) o que observam; 2) o que pensam; 3) o que sentem; 4) como gostariam que fosse e 5) o que fazem.

Durante as discussões, foram surgindo as seguintes falas sobre família: “observo família como um lugar em que possamos nos aconchegar, tanto a família tradicional como a homoafetiva” (sic); “o sentimento que tenho em relação à família é de amor, cumplicidade e companheirismo, estamos sempre dispostos a estender a mão uns aos outros” (sic); “eu gostaria que família fosse papai, mamãe e filhinhos sempre, mas temos que abrir para as novas constituições familiares” (sic); “em família, deve haver cumplicidade e companheirismo” (sic); “família [é] a base de sustentação, a estrutura de cada um”; “família é a base da sociedade, o porto seguro para todos” (sic).

Costa (1979) mostra-nos que a família, no Brasil Colonial, estava sob a égide dos interesses econômicos e familiares e que, com a finalidade de preservar as economias, os casamentos eram arranjados. O casamento ideal no período da burguesia passa a olhar o futuro, e não mais o passado, ou seja, preocupando-se com a carreira dos filhos, e não mais com a herança dos pais. A constituição da família baseada no amor tornou-se o grande paradigma da união conjugal, levando em conta as escolhas dos cônjuges e deixando de considerar os casamentos arranjados (Costa, 1979). No entanto, o indivíduo tornar-se o único responsável pelos fracassos na relação matrimonial, cabendo-lhe toda a responsabilidade pela dissolução da família e da prole (Costa, 1979).

A supervvalorização da família moderna e a idealização do núcleo familiar, bem como seu fechamento sobre si mesmo, assumindo todas as responsabilidades, acabaram por levar a família a assumir a culpa de tudo (Melman, 2001). Constituir uma família passou a significar: “submeter-se a todo tipo de opressão pelo amor dos filhos, ser acusado e aceitar a acusação, ser culpabilizado e aceitar a culpa, por todo tipo de mal físico, moral ou emocional que ocorresse aos filhos” (Costa, 1979, p.251).

A constituição de família e a idealização do núcleo familiar vão ao encontro também daquilo que Foucault (1979) discute sobre a função da família, um fenômeno recente que tem como finalidade o governo da população.

No quinto encontro, contamos com a participação de sete pessoas, sendo dois participantes novos e cinco que já haviam participado dos encontros anteriores, sendo cinco mulheres e dois homens.

Em razão de terem sido apresentadas diversas questões religiosas durante as discussões, a coordenação do grupo sugeriu, no fim do encontro anterior, que eles assistissem ao filme *Orações para Boby*. Baseado em fatos reais, o filme ilustra a comovente e trágica história de um jovem de 20 anos, filho de família evangélica tradicional nos Estados Unidos da América, que, durante a revelação de sua orientação sexual, descobre que é homoafetivo. Quando ele revela a sua sexualidade para os pais, sua mãe o repreende, dizendo que os homossexuais, na sua visão e na sua religião, são seres sem escrúpulos, não merecem respeito e são pecadores. O jovem comete suicídio. A mãe, então, vai buscar diálogos com os responsáveis nas igrejas, no sentido de compreender a religião, pois, após a morte do seu filho, passa a acreditar que ele não era um pecador.

Durante as discussões, surgiram as seguintes falas: “o filme abriu muito a minha mente, no sentido de que o ser humano não é um pecador pela prática da homossexualidade” (sic); “me emocionei bastante com o filme, ele conseguiu mostrar o sofrimento do adolescente em relação à não-aceitação da sua sexualidade pela sua família” (sic); “é muito complexo pensar que somos todos filhos de Deus, e que Ele não amaldiçoaria os seus filhos” (sic).

Segundo Foucault (1999), na Grécia Antiga, as relações sexuais entre homens eram reconhecidas oficialmente e assumiam um caráter de preparação para a vida na “polis”. No entanto, o autor nos traz que fatores históricos e culturais da modernidade, influenciados pelo cristianismo, fixaram as relações sexuais com a finalidade de procriação, o que inferiorizou as relações homoafetivas como fonte de prazer. A partir do século XVIII, “houve uma fermentação discursiva sobre a sexualidade, com uma proliferação de discursos sobre o sexo, tendo como função verificar e conhecer tanto as formas como os objetos de atividades e desejo sexual” (Foucault, 1999, p. 26).

Segundo Foucault (1999), parte disso deriva do Concílio de Trento, no século XVI, quando a pastoral católica passou a procurar saber, por meio da confissão, detalhes sobre a prática sexual, tais como: posições, gestos, toques, sensações, etc. A intenção era conceber um

casal legítimo dentro de uma estrutura monogâmica como paradigma da sociedade (Foucault, 1999).

Em um segundo momento, foi proposta uma dinâmica de quebra-gelo, denominada “Dinâmica das diferenças”, com o intuito de demonstrar o quanto somos pessoas singulares (Andrade, 1999). Pela coordenação, os participantes foram orientados a desenhar um rosto com olhos e nariz, sendo ressaltado que, após o início do desenho, não mais poderiam tirar a caneta do papel. Em seguida, deveriam continuar o desenho, fazendo o pescoço, o tronco e os membros de um corpo. Após todos terem terminado, foi solicitado que cada um mostrasse o seu desenho.

A dinâmica foi muito interessante, pois os desenhos foram os mais variados possíveis, uns pequenos demais, outros grandes, um não coube na folha, enfim, todos os participantes puderam perceber que, apesar de terem recebido a mesma orientação, não houve um desenho igual ao outro. Foi ressaltado pela coordenadora que cada um percebe a mesma situação de várias maneiras, pois somos indivíduos com visões de mundo diferentes e devemos respeitar o ponto de vista de cada um.

Passamos para um terceiro momento. Durante os encontros anteriores, um afeto que sempre foi pontuado foi o de culpa diante da sexualidade do filho. Segundo os relatos, isso ocorria, muitas vezes, pela não-aceitação da sexualidade; por não terem percebido o sofrimento dos filhos durante o momento de formação da sexualidade; pela educação que foi dada; pela reação no momento da revelação, enfim, esse afeto sempre foi demonstrado de alguma maneira. Então, utilizamos a dinâmica “Reflexão em dupla” (Afonso, 2006), foi elaborado um questionário com as demandas trazidas durante os encontros e lançadas para que pudéssemos discutir esses pontos.

Os participantes refletiram em dupla, e depois foram abertas as discussões com o grupo. Apesar da longa lista, é importante citar aqui todas as questões, pois foram trazidas durante os encontros anteriores: a) Os primeiros sinais da homossexualidade (gestos, brincadeiras, roupas) apresentados na infância são culpa dos pais? b) A mídia exerce influências sobre a sexualidade das pessoas? c) Menino criado com pai solteiro pode se tornar gay? d) Menina que brinca com carrinho pode se tornar lésbica? e) A expressão “mãe muito carinhosa/ pai muito carinhoso” pode atrapalhar a sexualidade dos filhos? f) Ser heterossexual é condição para formar um caráter moral? g) Menina criada com mãe solteira pode se tornar lésbica? h) O amor entre duas pessoas do mesmo sexo é diferente do amor entre pessoas de sexos diferentes? i) Crianças criadas com avós podem se tornar homoafetivos? j) Os pais podem reverter quando aparecem os primeiros sinais de homoafetividade (gestos, brincadeiras, roupas)? k) A sexualidade é o fator responsável pela personalidade? l) Quem tem mais dificuldade na aceitação da homoafetividade, o pai ou a mãe? m) A ausência do pai e da mãe que trabalham fora pode contribuir para a homoafetividade? n) A profissão dos pais ou dos avós, quando os filhos são criados por estes, pode influenciar a sexualidade da criança (pai cabeleireiro, pai policial rígido, mãe caminhoneira)? o) Ser

homossexual é condição para formar um caráter imoral? p) Menino que brinca com boneca pode se tornar gay?

As discussões foram muito significativas, levando o grupo a refletir sobre a desconstrução de alguns preconceitos sobre orientação sexual. O objetivo era minimizar a culpa dos pais em relação à homoafetividade familiar. Salientamos que, nesse encontro, várias opiniões foram modificadas, entre elas, a de que os pais têm mais dificuldades na aceitação do que as mães. Por três participantes (mães) foi relatado que os seus maridos (pais) foram mais compreensíveis com a orientação homoafetiva dos filhos do que elas como mães.

Para Spinoza (2014), a cada encontro com o mundo, o sujeito vai adquirindo conhecimentos que podem compor ou decompor seu próprio corpo. Para o autor, os conhecimentos que o sujeito compõe com seu corpo são aqueles derivados de ideias claras e distintas. Contudo, como não é uma tarefa fácil agir com sabedoria, na maior parte do tempo, os conhecimentos derivam de meras opiniões e crenças (Spinoza, 2014).

Nesse sentido, é possível pensar com Deleuze e Guattari (1995) que as participações das pessoas no grupo produziram outros devires sobre a homossexualidade. Essa ruptura produziu outras linhas na conectividade, ou seja, a multiplicidade. Vejamos o que os autores dizem:

Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade). [...] Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. (Deleuze & Guattari, 1995, p.5).

No sexto e último encontro, contamos com a participação de oito pessoas; todas já haviam participado de encontros anteriores, sendo sete mulheres e um homem.

No primeiro momento, a coordenação explicou que se tratava do último encontro. Alguns já haviam solicitado que o grupo continuasse, pois, segundo os participantes, o espaço foi bastante significativo para todos. Em seguida, foi utilizada uma dinâmica como quebra-gelo, utilizando-se a técnica do “Espelho”, em que o objeto era a fala do participante sobre si (Andrade, 1999). A técnica consiste em passar de mão em mão uma caixa pequena com tampa, havendo dentro dela um espelho. A pessoa que recebia a caixa tinha que falar sobre a pessoa da imagem, no caso, ela mesma. Podemos observar que as pessoas tiveram muita dificuldade em falar sobre si – quando percebiam, já estavam falando dos filhos.

É importante aqui salientar a fala de uma participante. Durante todos os encontros, ela se mostrou muito resistente em aceitar a homoafetividade da filha. Nesse dia, ela relata o caso de uma pessoa conhecida sua, que viveu a homoafetividade na fase da adolescência, mas que depois se casou heterossexualmente e hoje sua esposa está esperando um filho. A participante é religiosa e disse que vive um

conflito muito grande, pois a sua religião não aceita esta condição, e ela ainda acredita na mudança da filha. Foi sinalizado pela coordenação que a finalidade do grupo não era fazer com que as pessoas aceitassem a homoafetividade dos filhos, mas sim que fosse um espaço para dividir experiências, com respeito e sem julgamento de valores, apontando que o caso relatado era mais um exemplo da diversidade humana.

Em relação às oficinas de intervenção psicosocial, vejamos o que diz Afonso (2006):

[...] a “oficina” não se coloca como método sub-reptício de manipulação e sim pretende ser um método participativo de análise psicosocial, cujos processos podem ser estimulados, mas não induzidos, e cujos resultados dependem essencialmente da produção do grupo, enquanto uma rede de relações, e não apenas da “atuação competente” de um coordenador. Como seu nome diz, a Oficina é um processo de construção, que se faz coletivamente – ou não se faz (Afonso, 2006, p. 60).

Em um segundo momento, no sentido de avaliar os encontros, foi proposta a dinâmica da “Balança”, que consiste no desenho de uma balança para que o grupo escreva os pontos positivos e negativos (Afonso, 2006). Os participantes disseram que os encontros haviam sido relevantes e que fizeram com que mudassem o olhar em relação à diversidade sexual, tornando as relações familiares mais harmoniosas. Disseram que foi muito acolhedor falar da homoafetividade dos filhos em um espaço onde todos vivenciavam a mesma situação. Foi dito ter sido mais fácil compartilhar as angústias e dificuldades livres de julgamentos de valores, pois existiu a empatia de todos.

Foi mencionado também que a troca de experiências por meio dos depoimentos trouxe um grande alívio emocional. É preciso destacar o depoimento de uma mãe, que se sentia um “monstro” pelo sentimento de negação e rejeição do seu filho. Ela destacou nunca ter tido um espaço para adquirir conhecimento sobre estas questões, mas, nos encontros, houve essa oportunidade. Salienta-se aqui também a importância dos homens, pois eles tiveram chance de expressar seus sentimentos de emoção e sofrimento durante os depoimentos. Não foram mencionados aspectos negativos nos encontros, apenas a necessidade de dar continuidade ao espaço para a troca de experiências, reflexões e desconstruções de conceitos.

No último encontro, foi percebida a conexão/vínculo estabelecida entre os participantes. Todos pegavam seus celulares para mostrarem as fotos de seus filhos e filhas. Pôde ser percebido o quanto a cumplicidade e a escuta sem julgamento permitiram que todos se sentissem à vontade em relação aos seus filhos, demonstrando nesse instante o sentimento de alegria por tê-los.

## Reflexões finais

Conforme dito antes, a perspectiva da cartografia permite que a análise seja feita sem distanciamento entre pesquisador e participantes, pois, na construção da subjetividade, todos estão

implicados. Portanto, o conhecimento se faz como linhas que se cruzam a cada encontro, conectando valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças, etc. (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009). A pesquisa possibilitou acompanhar os processos em devir juntamente com os participantes do grupo.

No primeiro encontro, durante a narrativa das histórias de cada participante no processo de aceitação da sexualidade dos seus filhos, a coordenação depara-se com sentimentos de angústia e tristeza, pois tais depoimentos vinham ao encontro de suas experiências; isso fez com que houvesse uma empatia com os participantes. Tal fato repetiu-se em outros encontros, explicitamente quando foi manifestado o sentimento de rejeição e negação em várias participantes. Tal fato está em consonância com a indissociabilidade entre o conhecimento e a transformação de si e do outro (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009).

Finalizamos este trabalho com a experiência de um participante: no início dos encontros, por conta da orientação homoafetiva e não aceitação do pai, seu filho estava morando na casa de uma tia, mas, durante os encontros, voltou a se aproximar do filho e o convidou para voltar para casa. Isso nos faz refletir sobre a necessidade da replicação de trabalhos como este, para que a orientação sexual seja respeitada, independente de qual seja. A desconstrução de alguns preconceitos que foram mencionados pelos participantes, principalmente no sentido de amenizar o sentimento de culpa, foi muito gratificante para a coordenação do grupo.

## Referências Bibliográficas

- Afonso, Maria Lúcia (2006). *Oficinas em Dinâmica de Grupo*, um método de intervenção psicosocial. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Altoé, Sonia (2004) *René Lourau*. analista institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, p. 8
- Andrade, Suely Gregori (1999). *Teoria e dinâmica de grupo: jogos e exercícios*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Brasil. *Relatório de Violência Homofóbica no Brasil*. ano 2013.Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Brasília, 2016. 2. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>. Acesso em 04 abril 2017.
- Costa, Jurandir Freire (1979). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal
- Deleuze, Gilles; & Guattari, Félix (1995). *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia.Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34
- Donzelot, J (1986). *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Graal
- Foucault, M (1979). A política de saúde no século XVIII. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal
- Foucault, M (1999). *História da sexualidade I:a Vontade de Saber*. Rio de Janeiro:Graal
- Michels, E., Mott, L., & Paulinho. (2018). MORTES VIOLENTAS DE LGBT+ NO BRASIL. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relatório-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>
- Melman, J. (2001). Família e doença mental (Vol. 9). Escrituras Editora.
- Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; & Escóssia, Liliana (2009). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina
- Silva, Jackson Ronie Sá da (20012). *Homossexuais são...revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva queer*. 2012, 400 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Universidade do Vale do Rio dos Sinos
- Spinoza, Baruch de (2014). Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editoria
- Spink, Peter Kevin (2008). O Pesquisador Conversador no Cotidiano. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 20